

BENEDETTI, Ivone C.; SOBRAL, Adail (orgs.) (2003). *Conversas com Tradutores: Balanços e Perspectivas da Tradução*. São Paulo: Parábola Editorial, 215 p.

Paulo Rogério Stella¹

Uma obra que vem somar positivamente à produção da área de tradução. Esta é a impressão que fica durante a leitura do livro *Conversas com Tradutores – Balanços e Perspectivas da Tradução*. Composta de depoimentos de profissionais da tradução em suas várias especialidades de atuação, *Conversas com Tradutores* não é uma obra essencialmente acadêmica, nem essencialmente prática. Ela é uma obra que se constrói, ao mesmo tempo, teórica e praticamente, pelo diálogo, que se instaura, entre os participantes e a academia, o trabalho, a técnica, a formação profissional. Enfim, o diálogo acontece entre o tradutor e as principais áreas nas quais o profissional atua.

E diálogo deve ser entendido em seu sentido mais amplo. Os tradutores não somente respondem as perguntas dos entrevistadores, mas também falam com os leitores visados. Além disso, dialogam entre si, afirmando ou contestando pontos de vistas expressos em páginas anteriores; dialogam também com a prática, assumindo ou refutando posições; dialogam, ainda, com as teorias da tradução, a filosofia, a estética, a lingüística, a política e a economia, dentre outras áreas do conhecimento.

¹ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP. Doutorando.

A tendência ao diálogo e a intenção de conversar e construir unem forma e conteúdo nessa obra. Ao contrário de um livro de ensaios, em que normalmente se escreve sobre um tema geral, os organizadores, na esteira do dialogismo, deixam o outro falar. Por isso, encontramos no *Índice* nomes de pessoas, ou melhor, nomes de renomados tradutores, participantes do projeto. O fato dos tradutores falarem por meio do texto escrito torna a leitura muito interessante, porque o que lemos são entrevistas, ou seja, lemos um texto sobre depoimentos. Em consequência das *Conversas com Tradutores* serem textos, os participantes se tornam personagens do livro, fazendo-se heróis de suas próprias vidas profissionais.

Uma das características do livro constitui-se em um duplo movimento que a leitura nos oferece. O primeiro movimento é a relação entre experiência pessoal e atividade da tradução, o que traz um certo aspecto particularizante da vida profissional de cada um dos entrevistados. O outro movimento diz respeito à relação entre vida profissional e o projeto geral do livro, apresentado nas perguntas, o que dá um caráter universalizante de sentido ao material, porque as experiências apresentadas vão constituindo um todo de sentido, dado pelos aspectos comuns da vida profissional dos tradutores.

A cada resposta, os tradutores expõem as preocupações, os questionamentos, as indecisões, os acertos e os erros, que permeiam não somente a vida profissional deles, mas a de qualquer um que envereda pela área. Mostram-se humanos, como deve ser humano o ato de traduzir; como deve ser humano o ato do contato com um mundo estrangeiro. Com base na experiência, na sensibilidade, no conhecimento e em tantos outros fatores acumulados durante a vida, os tradutores produzem algo que faz sentido em outra cultura, em outra língua, para outros seres humanos, o que torna o ato tradutório tão desafiador, intrigante e, ao mesmo tempo, tão gratificante.

Por isso, o livro prima por dar a voz a quem faz. Não somente, o diálogo que se estabelece une quem pergunta e quem responde no livro, mas também unem-se tradutores e leitores. Enquanto os

tradutores, paulatinamente, constroem-se a cada linha, por meio de suas propostas, os leitores sentem-se cada vez mais próximos dos tradutores. Nós, leitores, sentimo-nos cúmplices deles. Eles se colocam livremente frente aos questionamentos. Nós concordamos com eles, ou discordamos deles, às vezes em parte, às vezes no todo; observamos a coerência com que expressam seu pensamento, ou as contradições que produzem; percebemos a prolixidade de alguns, a preocupação didática de outros e a rapidez e objetividade de tantos outros. Podemos ler nas entrelinhas o fato de serem profissionais gabaritados, ocupados, preocupados. Em resumo, falam honestamente a seus leitores (ouvintes?).

Vale a pena ressaltar o cuidado na escolha dos participantes. Constituem-se de profissionais das áreas de tradução e de interpretação. Evidentemente, a tentativa de abarcar a totalidade é impensável, pois, é impossível prever todas as formas de trabalho no campo da tradução. No entanto, tem-se, sim, após a leitura, um quadro bastante preciso sobre o funcionamento do trabalho em setores importantes da atividade. Alguns exemplos dessas áreas são: a literária, a técnica, a legendagem e a dublagem, entre outras.

O registro escrito das *Conversas com Tradutores* possui dois aspectos relevantes. Em primeiro lugar, o fato da escrita constituir uma forma de registro importante para as sociedades modernas, em que o dizer implica esquecimento e o escrever, ao contrário, implica memória e respeito, dá aos depoimentos um caráter documental e, portanto, histórico. Em segundo lugar, no momento em que o dito, que é temporário e transitório, dá lugar ao escrito, que é permanente e rígido, instaura-se um processo de responsabilidade por aquilo que se afirma. Em uma época pautada pela não atribuição de responsabilidades aos atos; pelo próprio apagamento das responsabilidades em favor de ditos supostamente universais, a responsabilidade dos tradutores pelo seu próprio dizer torna-se um ato ético em seu sentido pleno, como deve ser o trabalho do tradutor, responsável pelo uso feito da palavra alheia.

O livro, no entanto, ganha força na interface entre a teoria e a prática tradutória. A discussão do problema entre o fazer somente e o pensar sobre o fazer se instala desde as primeiras páginas do livro. Intitulada *Conversas com tradutores: diálogos da prática com a teoria*, a Introdução já marca esse tema que percorre toda a obra. Em outras palavras, o livro, por meio dos depoimentos, questiona o distanciamento que se estabelece entre o trabalho do tradutor e a produção teórica acadêmica. Por um lado, a atividade profissional não é, adequadamente valorizada pela academia. Por outro lado, a produção acadêmica nem sempre é vista como algo que se possa aplicar diretamente na prática do tradutor. Decorre disso, o pré-conceito, disseminado principalmente entre os ingressantes na área, de que a tradução não necessita do saber teórico, bastando apenas o conhecimento da língua estrangeira da qual se traduz.

No decorrer da leitura das entrevistas, essa noção vai sendo desmistificada pela valorização do conhecimento teórico-lingüístico, considerado imprescindível para o ato de traduzir. O que o texto vai deixando evidente é a necessidade do tradutor de ser não somente um estudioso de sua área de atuação e de áreas afins; mas também um ávido leitor de “tudo, até bula de remédio”. Além disso, o tradutor deve ser um curioso, interessado em praticamente qualquer coisa que lhe passe pelas mãos, pois algum dia, de alguma forma aquele conhecimento irá contribuir para o trabalho. Percebe-se nas entrevistas a insistência, por parte dos entrevistados, no fato de que é condição *sine qua non* para o tradutor saber um pouco de tudo; muitas vezes ele tem de saber muito sobre tudo.

O projeto discursivo dos organizadores, realizado por meio das perguntas formuladas aos profissionais, toca em dez temas circulantes de extrema relevância e atualidade para os estudos tradutológicos, que vão desde autoria até crítica da tradução, passando pela globalização e pelas políticas lingüísticas do idioma. Esses temas disseminam-se não somente nas perguntas, mas também nas respostas dadas pelos entrevistados.

O primeiro tema visado no projeto diz respeito às várias possibilidades de atuação do profissional, suas especificidades e relações com outras áreas, além das dificuldades. Cada um dos tradutores entrevistados apresenta e discute o fazer em sua própria área de atuação, mostrando suas particularidades e apresentando suas semelhanças. O leitor pode, com isso, beneficiar-se com um quadro amplo do que compõe a atividade tradutória. Um exemplo disso, é a distinção apresentada entre tradução para dublagem e tradução para legendagem. A primeira sai do texto escrito da língua de partida em direção ao texto oral na língua de chegada; e a tradução para legendagem parte do escrito e chega ao escrito.

O segundo tema tratado relaciona-se com o mercado de trabalho e com a procura da tradução por parte dos contratantes. E, apesar das especificidades, as discussões giram em torno da necessidade, por parte dos tradutores, de conhecerem as expectativas do público final, que podem ser editoras, empresas ou pessoas que contratam o trabalho. A esse tema junta-se o terceiro tema que é o da formação do profissional. É unânime a importância de uma boa formação acadêmica, que é o alicerce do trabalho intelectual do tradutor. Por vezes, os entrevistados observam a existência de uma dissociação entre a teoria da tradução e a prática. No entanto, consideram os conhecimentos sobre língua condição essencial para o manejo da atividade de tradução.

O quarto tema toca nas questões de autoria, o que provoca uma polarização de discussões. Discute-se se o tradutor é ou não o autor do texto traduzido; se ele deve (consegue?) manter-se invisível na produção do texto; se o tradutor produz um novo texto ou não; e de que maneira o tradutor sente a resposta público em relação à tradução. Tratadas de diferentes perspectivas, essas questões são constantemente retomadas. Às vezes os pontos de vistas se entrecruzam, às vezes são diametralmente opostos. Percebemos que, apesar das opiniões diferirem, são elas firmemente calcadas na experiência. O quinto tema, que é decorrência do quarto, trata

da globalização e de sua influência no trabalho de tradução. Trata-se diferentemente pelos autores, positiva ou negativamente, a grande questão que subjaz ao tema é a própria (in)definição de globalização e a questão de quem é realmente favorecido por ela.

O sexto tema trata de outra questão polêmica, que são as políticas lingüísticas para a língua portuguesa e a contribuição do tradutor para a preservação, ou não, do vernáculo. Os tradutores se pautam pelas teorias sobre a linguagem para a discussão desse tema, o que é uma oportunidade para a observação das teorias lingüísticas em pleno funcionamento. Na seqüência da polêmica, o sétimo tema trata do conceito de erro. Pode-se dizer que, em geral, os tradutores acreditam que uma tradução boa é aquela que é bem aceita, equilibra forma e conteúdo e mantém-se dentro do gênero adequado, de acordo com o público visado. Vale a pena lembrar que há dificuldades em se conseguir isso no processo tradutório.

O oitavo tema trata das perspectivas da tradução no Brasil. O balanço, nesse caso, é positivo e as perspectivas bastante boas para os bons profissionais, já que o aumento das atividades de comércio internacional, principalmente, determinam a necessidade de contatos interculturais, abrindo caminho para o trabalho do tradutor. Apesar de os tradutores, em geral, acharem que a remuneração e as condições de trabalho são relativamente precárias, de acordo com o expresso no nono tema que trata da remuneração do profissional.

O décimo e último tema apresenta as questões relacionadas à crítica da tradução. Em geral, percebe-se um certo ressentimento por parte dos profissionais em relação à crítica especializada. Os tradutores concordam que o trabalho da crítica ainda é muito problemático e não visa à construção. Quando o texto está bem traduzido, não se encontrando problemas, o tradutor passa despercebido no trabalho. Entretanto, se, por algum motivo, acontece algum deslize, o tradutor é criticado veementemente.

Como balanço final, a leitura do livro nos deixa não somente com perspectivas bastante promissoras para a tradução, mas tam-

bém com a sensação de que a área está em franca ascensão, devido à rapidez no intercâmbio de informações. Tem-se a certeza também, de que a competição na área está cada vez mais acirrada. Por esse motivo, claro está que somente os bons profissionais sobreviverão. E para ser um bom profissional, o tradutor tem de se posicionar no cruzamento entre profundidade teórica, leituras variadas, experiência profissional sólida, determinação pelo trabalho.

Fica, ainda, da leitura do texto, uma pergunta: para quem é o livro? Ou melhor, quem são os interlocutores previstos nessa interação entre escrita e leitores? Podemos dizer que o livro destina-se, em primeiro lugar, aos profissionais de tradução que podem ver nas páginas do livro a discussão de suas próprias dúvidas, ansiedades e pontos de vista, por pessoas que certamente passam pelas mesmas situações e questionamentos. Há, portanto, um processo de identificação, dado pela afinidade profissional, entre entrevistadores, entrevistados e leitores.

Entretanto, o público que se beneficiará sobremaneira com a publicação deste trabalho são os alunos dos cursos de graduação em tradução, porque têm a oportunidade única de contato com o falar sobre o fazer, que se pauta tanto no próprio trabalho empírico quando nas teorias que circulam nesse fazer. Podem esses leitores, com isso, perceber (compreender!) a seriedade da profissão que escolheram. O livro *Conversas com Tradutores – Balanços e Perspectivas para a Tradução* é, por isso, um texto que deve fazer parte da bibliografia básica de qualquer curso de tradução. Por meio das discussões suscitadas, podem os professores e alunos questionar a relação entre o conhecimento do idioma estrangeiro e a profissão do tradutor; a atividade de tradução e o modismo, em decorrência dos (pretensos?) processos de globalização; o *glamour* da profissão e o árduo trabalho intelectual que suscita; a sensação de poder, dada pelo domínio, por parte do tradutor, da língua estrangeira e a humildade da pesquisa que proporciona o desvendamento do desconhecido.

Se nos permitem os organizadores uma crítica a um trabalho tão responsável, gostaríamos de dizer que sentimos falta de algumas referências bibliográficas, que poderiam ser colocadas em notas de rodapé, quando há menção de algum aspecto teórico, algum autor ou alguma obra. Percebemos que os tradutores não falam de um lugar único, individual e individualista, mas de um lugar de circulação de discursos teóricos, ocasionados por sólidas leituras sobre língua, linguagem, teorias da tradução, crítica literária, entre outras. Por isso, se considerarmos que uma parte dos leitores pode se constituir de alunos de cursos de graduação em tradução, as referências bibliográficas poderiam favorecer a pesquisa desses alunos em relação aos temas apresentados.

Esse fato faria a ponte entre a teoria e a prática, que foi afirmada, insistentemente, tanto nas entrevistas quanto nos textos produzidos pelos organizadores, que abrem e fecham o livro. Evidentemente, esse detalhe não diminui o livro em seu aspecto documental de importância para a área da tradução.

Para terminar e na tentativa de continuarmos o diálogo com o livro, mantendo as conversas com os tradutores em funcionamento, deixaremos Adail Sobral, um dos organizadores da obra, falar sobre a tradução. Segundo ele,

Traduzir não é definitivamente atividade restrita ao estritamente lingüístico, nem é a ordem do lingüístico estritamente lingüística. Traduzir é criar ligações, muitas vezes perigosas; é gerar interfaces, tão sujeitas a enganos quanto as dos computadores; é vincular seres humanos entre si, por vezes de modo confrontativo; traduzir é conviver com um desejo que jamais se realiza, é viver na companhia constante da impossibilidade de realizar plenamente o sentido - *e no entanto se traduz* (p. 214).